



Recebido em: 17/06/2020

Aceito em: 30/06/2020

Protestantismo e a questão racial: é possível respirar?

Protestantism and the racial issue: is it possible to breathe?

Mestre Glauber Henrique C. Rocha
UERJ-FFP

<http://lattes.cnpq.br/3064088716873643>

Resumo: Este artigo apresenta ações de representantes políticos que integram a Frente Parlamentar Evangélica que reproduzem discursos racistas, embasados em percepções teológicas presentes na estrutura de determinadas denominações evangélicas marcadas pelo fundamentalismo. As práticas desses atores são identificadas em materiais divulgados em redes sociais e livros publicados por lideranças no contexto nacional. Destaca-se, porém, que o protestantismo não é homogêneo em sua origem e tão pouco em seus desdobramentos. Essa diversidade pode ser identificada através de uma disputa hermenêutica que se expressa, por exemplo, pelo confronto entre os que defendiam a escravidão e a desumanização em oposição aos abolicionistas e defensores da humanidade dos africanos. Considerando esse pano de fundo, busca-se identificar se existe a possibilidade do indivíduo negro respirar dentro do contexto protestante nacional. Para responder à questão recorre-se aos referenciais que deram origem a alguns dos movimentos protestantes que alcançaram o território brasileiro.

Palavras-Chave: Frente Parlamentar Evangélica; protestantismo; denominações evangélicas; fundamentalismo; racismo.

Abstract: This article presents the actions of political representatives who are part of the Evangelical Parliamentary Front who reproduce racist discourses, based on theological perceptions present in the structure of certain evangelical

denominations marked by fundamentalism. The practices of these actors are identified in materials published on social networks and books published by leaders in the national context. It is noteworthy, however, that Protestantism is not homogeneous in origin and neither in its developments. This diversity can be identified through a hermeneutic dispute that is expressed, for example, by the confrontation between those who defended slavery and dehumanization in opposition to the abolitionists and defenders of the Africans humanity. Considering this background, we seek to identify whether there is a possibility for the black individual to breathe within the national Protestant context. To answer the question, we use the references that gave rise to some of the Protestant movements that reached Brazilian territory.

Keywords: Evangelical Parliamentary Front; Protestantism; evangelical denominations; fundamentalism; racism.

Introdução

O contexto do protestantismo brasileiro é representado por grande diversidade e variedade, ou seja, o estudo desse grupo religioso deve considerar a inexistência da homogeneidade. Existe, por exemplo, uma real disputada pela interpretação do texto bíblico. A hermenêutica que recebe destaque é aquela que impede a leitura biopolítica da Bíblia. Segundo Ronilson Pacheco, em artigo intitulado "A Bíblia é um livro negro de hermenêutica branca"¹ o entendimento propagado "...não enxerga o controle social, o governo dos corpos, o exercício do poder sobre o cotidiano, o uso da força produtiva do cidadão comum, os pobres da cidade." Outra característica é o impedimento da racialização da leitura. Este último expressa-se através da invisibilidade de conflitos motivados por questões raciais envolvendo os personagens bíblicos, por exemplo: Números 12:1-9 expressa a indignação dos irmãos de Moisés por este ter como mulher "etíope" cuxita; Cantares de Salomão 1:5-6 demonstra o apelo da amada para que o amado não atente para cor da sua pele, provavelmente por temer alguma hostilidade; Jeremias 38:7-8 indica a ação salvadora exercida através de um etíope, escravo e eunuco.

O exposto até o momento, no entanto, não é a expressão da totalidade dos representantes e fundadores dos movimentos protestantes que influenciaram as características dessa manifestação religiosa no Brasil. Sendo assim, existem referenciais que demonstram ações na direção de novas hermenêuticas, além de lutas abolicionistas e antirracistas.

Há espaço para uma religiosidade negra no protestantismo?

Antes de tratarmos sobre a interpretação de alguns representantes evangélicos sobre a cultura negra, destacamos a forte relação entre os movimentos sociais negros e a religião, esta última segundo d'Adesky (2001), "*é uma importante referência de identidade. Governa a vida espiritual dos indivíduos e mantém, na ordem do particular, um conjunto de práticas e deveres*" (p.51). Segundo o autor, existem três correntes ou formas de expressão coletiva que expressam apenas uma divisão ideal-típica, a saber: "*a primeira de natureza cultural; a segunda, religiosa; e a terceira de natureza política.*" (p.157). A segunda corrente apresentada valoriza "*...as formas de expressão religiosa da cultura negra, que considera o terreiro como espaço de resistência por excelência [...]. Mas o*

¹ <http://rogeliocasado.blogspot.com/2014/11/a-biblia-e-um-livro-negro-de.html> <Acesso em 15 de jun. de 2020>

espaço da expressão religiosa[...] não é um ponto de consenso entre os militantes negros, [...].” (p.159). Segundo d’Adesky (2001), não existe unanimidade acerca dessa questão. Para ele, a não aceitação quanto ao espaço de culto é a expressão da sociedade que, mesmo dita tolerante às diferenças religiosas, “[...], manifesta também certo preconceito perante os cultos de origem africana, vistos com desconfiança, já que ditos primitivos.” (p.159).

Propomos uma reflexão acerca da conclusão exposta pelo autor supracitado que parece não considerar a diferença entre religião e religiosidade, sendo esta a maneira de se chegar e vislumbrar o transcendente. Sendo assim, o indivíduo pode integrar um contexto religioso diferente das religiões de matrizes africanas e mesmo assim vivenciar uma espiritualidade negra. Como exemplo citamos o Reverendo Metodista Antônio Olímpio de Sant’Ana que foi um dos fundadores do Cenacora (Comissão Ecumênica Nacional de Combate ao Racismo) e se destacou na luta contra o racismo nos âmbitos nacional e internacional e chegou a participar da elaboração do documento oficial brasileiro para a Conferência da ONU contra o Racismo em Durban no ano de 2001. Segundo Sant’Ana, em artigo publicado no Igreja Metodista Portal Nacional², *“A religiosidade é a maneira de se chegar e vislumbrar o Ser Supremo. Minha religião é Metodista, mas a minha espiritualidade é negra. Antes de ser metodista e cristão, sou negro.”*

Raízes do preconceito racial contra o negro

Segundo Sant’Ana no texto *“História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados”*, que integra o material divulgado pelo MEC intitulado *Superando o Racismo na escola* (2005), o racismo expresso no discurso dos evangélicos atualmente tem origem no processo de formação dos grupos que posteriormente investiram no Brasil como campo missionário. O autor destaca, por exemplo, a comemoração da Igreja Anglicana no século XVIII frente a não oficialização de lei que proibia o tráfico de escravos, visto que anglicanos, metodistas, batistas e moravos tinham escravos e eram defensores da escravidão. Outro exemplo é a monografia publicada em 1772 pelo Rev. Thomas Thompson que buscou demonstrar a inferioridade do negro diante do branco, intitulada: *O Comércio dos Escravos Negros na Costa da África de acordo com os Princípios Humanos e com as Leis Religiosas Reveladas.*

²Disponível em: <http://www.metodista.org.br/metodistas-na-revista-raca> <Acesso em 13 de nov. de 2019>

Consideramos ainda a contribuição de Reily (2003) ao abordar a divisão da nação norte-americana acerca da escravidão. Ao considerar a divisão do território o autor destaca que "*Sul e Norte eram muito mais que designações geográficas [...] [...], no Norte, desenvolveram-se pequenas lavouras [...] enquanto o sistema de fazendas sempre predominou no Sul.*". (p. 41). Propagou-se no Sul que a alfabetização dos negros era perigosa o que intensificou o controle e a repressão sobre esse tema. Acerca desse contexto Reily (2003) destaca:

A esta situação, a Igreja respondeu principalmente de três maneiras: 1) Desenvolveu a teoria, baseada na filosofia de Aristóteles (contra a de Jonh Locke) e também na Bíblia (na qual não se encontra nenhuma clara proibição explícita da escravidão), de que a escravidão é essencialmente boa e não má. 2) Iniciou-se agressiva missão entre os escravos nas fazendas sulistas, missão de evangelização e catequese oral, sem qualquer perspectiva de emancipá-los. [...]. 3) A terceira para da resposta foi o desenvolvimento da *Doutrina da Igreja Espiritual*, [...]. Conforme esta doutrina, a Bíblia, considerada como a própria Constituição da Igreja, pelo princípio "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus", já estabelece os parâmetros de atuação da Igreja. A esta concernem assuntos "espirituais", como a conversão e a conduta moral. Questões como política e jurisprudência pertencem a César. Thornwell afirmou que "as Escrituras não apenas deixam de condenar a escravidão, mas claramente a sancionam tanto quanto qualquer outra condição social do homem". Quem condenasse a escravidão como pecado, como faziam os abolicionistas, atacava a Bíblia. Aliás, a estratégia de Thornwell consistia em insistir de tal forma no argumento bíblico que seus oponentes, pela aparente oposição à Bíblia, passassem por incrédulos. (p. 41-42)

Apoiamo-nos em Reily (2003) para destacar que não havia homogeneidade acerca de uma vertente teológica racista ou favorável a escravidão entre os representantes do evangelismo de missão no Brasil o autor apresenta a experiência do Dr. Kalley que juntamente com sua esposa, Sarah Poulton Kalley, fundou a primeira "Igreja de missão" em solo brasileiro nomeada como Igreja Fluminense. A experiência em questão é apresentada por Reily (2003) como "*Exortação*" de Kalley sobre a escravidão³⁴, neste contexto o doutor repreende Bernardino de Oliveira Rameiro, um dos membros da congregação, possuidor de escravos. A exortação de Kalley foi apresenta por Reily (2003):

Nas epístolas, temos regras boas e sábias, que Deus aprovou para a conduta dos crentes, em relação aos seus escravos. Vamos apresentar duas:

3

⁴ NOTA DISPONIBILIZADA PELO AUTOR: Transcrita de Rocha, op. cit., II -80-82. Na sessão extraordinária, do dia 20/12/1865, o Sr. Bernardino foi excluído. Na mesma sessão "são lidas duas cartas de liberdade, concedidas pelo Sr. João Severo a Joaquim e a Pedro". (*Ibid.*, p. 85). No documento acima, os grifos e maiúsculas obedecem o texto da obra citada.

“Fazei com os vossos servos o que é de justiça e equidade (sic)” (Cl 4.1); “...deixando as ameaças” (Ef. 6.9).

Para chegarmos ao que é reto (ao que é de justiça e equidade (sic)), temos de atender ao DIREITO DE PROPRIEDADE.

Assim – há diferença entre *as coisas que me pertencem e as coisas que pertencem aos outros*. Por exemplo, a mim me pertencem os olhos, ou ouvidos, a boca, as mãos, os pés etc.; conheço bem o que sinto nestas partes do meu corpo. A outro indivíduo pertencem órgãos semelhantes..., mas esses *órgãos não são meus, e os meus não são dele*; tenho direito aos meus como ele tem direito aos seus. Além de ter direito à *posse dos órgãos* que representam dádivas do Supremo Criador, o homem tem também o direito de *tomar posse dos frutos*, obtidos pelo exercício desses órgãos, de modo honesto e justo.

...O que Deus dá ao escravo é para ser usado por ele, *em seu próprio proveito*. É escravo? Ninguém tem o direito de fazê-lo escravo, roubando-lhe a liberdade pessoal, negociando com uma criatura humana, como se fosse uma máquina ou um objeto qualquer!

Cada um tem de dar contas ao Altíssimo Juiz do que pratica, quando obriga um seu semelhante a trabalhar, *contra a vontade e sem salários e sob ameaças de castigo e sofrimento diversos*, para produzir em seu favor (do senhor, que o maltrata injustamente) bons serviços e excelentes lucros! Isto é um ROUBO VIOLENTO dos dons que o Criador concedeu ao pobre estrangeiro, *que não é uma criatura diferente do senhor que o comprou!*

Para o senhor, o escravo é SEU PRÓXIMO; portanto está incluído na grande lei que diz: “Amarás ao teu próximo, *como a ti mesmo*”. Porventura o senhor gostaria de ser tratado por outro homem *como escravo?*

...O escravo não é *filho* do seu proprietário; não trabalha *porque o ama nem porque quer ser generoso*, trabalhando para ele como uma besta, sem obter recompensa de espécie alguma do seu trabalho; o escravo só trabalha porque teme as ameaças de pancadas e castigos desumanos da parte de um roubador da liberdade alheia!

O senhor que procede desse modo é *inimigo de Cristo*: não pode ser membro da Igreja de Jesus, daquele Jesus que nos resgatou da maldição (Gl 3.13) e da lei do pecado da morte (Rm 8.2) e *nos eu a liberdade*, fazendo-nos FILHOS DE DEUS (Rm 8.15 e 16)! (p.121-122)

Outro importante nome do protestantismo mundial que se vinculou contra a escravidão foi o sacerdote anglicano e *spiritus rector* do movimento metodista Jonh Wesley que publicou em 1774 na obra *Pensamentos sobre a Escravidão*. Renders (2019), apresenta a tradução desse texto destacando que Wesley defendia a humanidade do africano e insistia “[...] *em lembrar seus adversários que negando aos escravos e às escravas o direito pleno que pertence a cada ser humano, eles mesmos se transformaram em pessoas inumanas longe de qualquer ideal próprio.*” (p. 89). Renders (2019), apresenta o que o fundador do movimento metodista entendia como escravidão:

2. *Escravidão* implica uma obrigação de serviço perpétuo, uma obrigação que apenas o consentimento do mestre pode dissolver. Em alguns países, tampouco pode o próprio mestre dissolver a

escravidão de seus servos sem o consentimento dos juizes designados pela lei. Escravidão geralmente dá ao mestre um poder arbitrário para qualquer tipo de punição, contanto que esta não afete a vida ou membros dos escravos. Às vezes, até mesmo tais membros são expostos à vontade do mestre ou protegidos apenas por uma multa ou punição leve, marcadamente insignificante para conter um mestre de temperamento colérico. Escravidão cria a incapacidade de adquirir qualquer coisa que não beneficie o mestre. Ela permite que o mestre aliene o escravo, da mesma maneira que ele o faz com suas vacas e cavalos. Enfim, a escravidão é passada de pai para filho, até a última geração. (p.91)

Sobre a compreensão do direito a posse de escravos Wesley posicionou-se da seguinte maneira:

6. Talvez o senhor me diga, "Eu não *compro* negros, eu apenas *uso* aqueles que herdei de meu pai". Até aqui tudo bem, mas será suficiente satisfazer tua própria consciência? Tinha teu pai, tens tu, acaso qualquer pessoa tem o direito de usar outro como escravo? Assim não pode ser, mesmo se deixamos a revelação de lado. Não pode ser que, quer seja por guerra ou contrato, uma pessoa possa ser dona de outra tal como alguém é dono de ovelhas e gado. Ainda menos possível é que qualquer criança *possa nascer escrava*. *Liberdade é um direito de toda criatura humana, assim que ela respira o ar vital. Nenhuma lei humana pode nos tirar este direito que tomamos da própria lei da natureza*. (p. 155).

Segundo Renders (2019), os critérios da justiça e da misericórdia são conceitos-chave para Wesley por embasarem, biblicamente, seu argumento que tinha como foco a superioridade da lei natural em relação às leis escravistas em vigor.

Igrejas protestantes no Brasil

O exposto até o momento constitui um pano de fundo que justifica as interpretações de dois representantes evangélicos acerca da cultura negra. Acreditamos que a compreensão da hermenêutica identificada nos fundadores das Igrejas Protestantes é fundamental, pois indica a possível percepção das principais denominações evangélicas que compõem a Frente Parlamentar Evangélica, a saber, Igreja Evangélica Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus no que diz respeito a presença e posição do negro - e de sua cultura - na sociedade.

Sobre o protestantismo destacamos algumas informações relacionadas a História dos grupos protestantes no Brasil. Consideramos como marco referencial o século XIX por meio de duas fases de inserção: o protestantismo de imigração e o protestantismo de missão. O primeiro estava ligado à imigração e atendia às demandas religiosas dos colonos dos países de origem, aportados em terras brasileiras, favorecidos pelas mudanças políticas, econômicas e culturais que

abriram as portas da imigração no século XIX. Neste contexto se instalam os anglicanos com a imigração inglesa (1810) e os luteranos com a imigração alemã (1824). O segundo resultou das missões religiosas de agentes autônomos ou ligados às juntas missionárias, provenientes, sobretudo, dos Estados Unidos. Na era das missões aparecem: congregacionais (1858), presbiterianos (1862), metodistas (1869), batistas (1882), e episcopais (1898). Esse conjunto de denominações tem sido nomeado como protestantismo “histórico” ou “tradicional”.

Além do protestantismo supracitado existem outras expressões o que demonstra a existência de uma pluralidade no campo religioso protestante nacional, referimo-nos as vertentes pentecostal e neopentecostal.

As igrejas pentecostais têm sua origem nos EUA, século XX. No Brasil, o pentecostalismo expressa-se por meio de três movimentos. O primeiro corresponde à chegada das denominações Congregação Cristã do Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911). Esses grupos foram classificados como pentecostalismo clássico, por possuírem as características do pentecostalismo nascente, como a crença no batismo no Espírito Santo como uma “segunda benção”, através da qual aqueles que passaram pela “primeira benção”, a conversão, receberiam os dons espirituais: dom de cura, profecia, visões e a glossolalia. O segundo movimento inseriu-se num contexto de urbanização, aumento do fluxo migratório nas grandes cidades e a formação de uma sociedade de massas. Os principais grupos surgidos neste contexto foram a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja Pentecostal O Brasil Para Cristo (1955) e a Igreja Deus é Amor (1962). Estes grupos foram classificados como pentecostalismo autônomo ou de cura divina, porque contribuíram para a proliferação de pequenas comunidades de fé autônomas às denominações institucionalizadas e porque tinham nas manifestações de cura uma importante experiência religiosa e veículo de pregação.

Por fim, tratamos do terceiro movimento pentecostal denominado neopentecostal. A origem deste coincide com o início do processo de distensão da Ditadura Militar, da consolidação da indústria cultural e da crise do “milagre econômico” de fins dos anos 1970. Suas principais denominações foram: Igreja Universal do Reino de Deus (IURD - 1977) e Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) e Renascer em Cristo (1985). Essas igrejas possuem características comuns, por exemplo, apresentaram uma combinação de cura, exorcismo e teologia da prosperidade. Em seus discursos e práticas, a superação de males físicos, psicológicos e sociais através da benção divina é entendida como um milagre ou uma libertação das raízes espirituais destes males, muitas vezes atribuídas à possessão demoníaca ou associadas à influência de outras religiões,

sobretudo afro-brasileiras. Notabilizaram-se ainda pelo uso massivo e regular dos meios de comunicação e estratégias de ocupação do poder político.

Doravante apresentaremos a análise de discursos e materiais disponibilizados pelo Deputado Federal, e Pastor, Marco Feliciano e também pelo Bispo Edir Macedo. O primeiro é pastor e fundador da Igreja Evangélica Ministério Catedral do Avivamento, uma igreja ligada a Assembleia de Deus (denominação pentecostal) o segundo é fundador e líder da IURD (denominação neopentecostal). Acredita-se que a fala desses atores expressam o campo religioso do qual eles fazem parte e justificam o posicionamento dos integrantes da FPE vinculados às denominações protestantes supracitadas.

Marco Feliciano e a maldição de Cam

Em 2011, o Deputado Marco Feliciano escreveu em seu Twitter: "Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é a polemica.", em outra postagem o pastor destacou: "A maldição q (sic) Noe (sic) lançou sobre seu neto, canã (sic), respinga sobre continente africano, dai (sic) a fome, pestes, doenças, guerras étnicas!". Essas postagens geram grande polêmica e mobilização, principalmente por ele ter escrito em mensagem anterior: "Entre meus inimigos na net (sic), estão: satanistas, homoafetivos, macumbeiros...".

Em entrevista a Revista Época:⁵

O parlamentar voltou a defender que não é racista, pois ele próprio, disse, tem origens negras. Sua intenção com a mensagem, afirmou, era atentar para o fato de que os povos africanos são amaldiçoados não por serem negros, mas por terem uma religião diferente da cristã. "A palavra lançada (a maldição) só é quebrada quando alguém encontra Jesus. Quando eles fazem isso, a maldição não repousa mais sobre eles. Ela é quebrada em Cristo", afirmou. Na África, predominam as religiões pagãs e politeístas.

Uma breve reflexão sobre os textos bíblicos relacionados ao exposto pelo Pr. Feliciano nos permite identificar quão inadequada e errônea é a interpretação apresentada por este acerca de uma suposta maldição sobre os africanos. A princípio apresentaremos, por meio de textos extraídos da Bíblia⁶, o motivo da

⁵ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI222649-15223,00-DEPUTADO+MARCO+FELICIANO+NAO+ACEITO+AS+ATTITUDES+HOMOSSEXUAIS+EM+ESPACO+PUBL.html> <Acesso em 15 de jun. de 2020>

⁶ Utilizaremos textos extraídos da BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

maldição liberada por Noé. Em um segundo momento, demonstraremos a interpretação adequada do relato bíblico.

Segundo o Livro de Gênesis, especificamente, no capítulo 9 entre os versículos 21 a 25 Noé embriagou-se com vinho e ficou nu dentro de sua tenda. Cam, pai de Canaã, tomando ciência da nudez do pai, erroneamente, compartilhou o fato com seus dois irmãos Sem e Jafé. Estes por sua vez puseram uma capa sobre os próprios ombros e ambos, andando de costas, com rostos desviados, cobriram a nudez do pai, sem que a vissem. Quando Noé acordou e soube o que lhe fizera o filho mais moço. Então disse, no versículo 25: "*Maldito seja Canaã! Que ele seja, para seus irmãos, o último dos escravos!*"

De acordo com Gênesis 10.6: "*Filhos de Cam: Cush, Mesraim, Fut, Canaã.*". Ora, em termos gerais, Cush (Cuxe) é provavelmente o ancestral dos povos da Etiópia; Mizraim é o ancestral dos egípcios; e (Fut) Pute é o ancestral dos povos do norte da África, os líbios. Mas Canaã é o único dos quatro filhos que não é ancestral de povos africanos. Gênesis 10.15–18 cita os descendentes de Canaã: "*Sindon [...], depois Het, e o jebuseu, o amorreu, o gergeseu, o heveu, a araceu, o sineu, o arádio, o samareu, o emateu; em seguida dispersaram-se os clãs cananeus*". Todos esses povos eram habitantes de Canaã e proximidades, não da África.

As palavras de Noé se tornaram verdade quando as nações cananitas foram expulsas pelos israelitas por causa de sua perversidade Deuteronômio 9.4–5:

Quando Iahweh teu Deus os tiver removido da tua presença, não vás dizer no teu coração: "É por causa da minha justiça que Iahweh me fez entrar e tomar posse dessa terra", pois é por causa da perversidade dessas nações que Iahweh irá expulsá-las da tua frente. Não! Não é por causa da tua justiça, nem pela retidão do teu coração que entrarás para tomar posse da sua terra. É por causa da perversidade dessas nações que Iahweh as expulsará da tua frente, e também para cumprir a palavra que ele jurou a teus pais, Abraão, Isaac e Jacó.

(Bíblia de Jerusalém,2002)

Então a maldição não recai sobre os povos africanos, mas sobre os cananitas. Destacamos que o deputado não criou nada ao fazer tais afirmações, ele apenas se utilizou de uma teologia antiga, porém persistente até hoje em alguns poucos segmentos fundamentalistas⁷, aquela divulga um discurso racista em sua essência além de atender ao interesse de demonizar o negro. Ela tem origem entre os colonialistas, que dividiam o mundo em três áreas – o ocidente, o oriente e o sul. Nesta última teriam ficado os possíveis descendentes do personagem bíblico, os amaldiçoados. Feliciano exerce a função de porta-voz de um grupo que ainda se

⁷ O fundamentalismo será analisado posteriormente.

utiliza de argumentos usados por países colonialistas para justificar a dominação e a exploração dos negros.

Ao considerarmos o conteúdo da postagem identificamos a expressão do racismo, a fragilidade da teologia apresentada e o desconhecimento do espaço geográfico africano. Acerca deste último observa-se que o deputado desconsidera que o continente africano, apesar de retalhado e dividido politicamente pelos países colonialistas, ainda abriga milhares de nações, etnias, dialetos, culturas. Quais delas são as amaldiçoadas? Qual etnia? De qual povo ele está falando? O continente africano não é um bloco homogêneo como quer o deputado.

Edir Macedo – Discriminação e complexo de inferioridade

Consideramos o Bispo Edir Macedo nesta pesquisa, mesmo não tendo este nenhum cargo político, pois é o fundador e líder da IURD, denominação neopentecostal que ocupa o segundo lugar quanto ao número de representantes no cenário político nacional, além de contar com uma ampla rede de comunicação que inclui editoras, gravadoras, emissora de TV, rádio, jornal, site e revista que possibilitam a difusão de suas ideias.

Utilizaremos a mesma proposta de análise aplicada no tópico acima, ou seja, destacaremos expressões que indicam a construção de uma percepção racista propagada no interior do contexto eclesiástico e que se manifesta no *habitus* dos políticos oriundos desse contexto.

Em 2012, o Bispo Edir Macedo publicou um artigo intitulado "*Homem de Deus quanto à idade e à raça*" na sessão de comportamento do site Arca Universal⁸⁹. Por meio do texto o Bispo apresenta orientações para os jovens que desejam exercer alguma atividade pastoral na igreja. Quanto a questão racial, destaca-se do texto a seguinte afirmação:

"não haveria nenhum problema para o homem de Deus se casar com uma mulher de raça diferente da dele, não fossem os problemas da discriminação que seus filhos poderão enfrentar nas sociedades racistas [...]", e justifica sob o argumento de missões: "os pais não terão como evitar que aconteçam rejeições ou críticas por

8

Disponível

em

(<https://web.archive.org/web/20120902195226/http://www.arcauniversal.com/comportamento/reflexao/noticias/homem-de-deus-quanto-a-idade-e-a-raca-----13420.html>) <Acesso em 13 de nov. de 2019>

⁹ A publicação original não existe mais pois a Igreja Universal decidiu encerrar o site Arca Universal e praticamente todo o seu conteúdo, porém o serviço sem fins lucrativos Internet Archive (Arquivo da Internet, em tradução livre) salvou uma cópia da publicação original.

parte dos coleguinhas nas escolas nos países onde eles poderão estar pregando o Evangelho”.

Na conclusão do texto em questão o Bispo afirma não ter opinião pessoal contrária à miscigenação, segundo Macedo: *“Não teríamos absolutamente nada a comentar a este respeito, mas temos visto este tipo de problema acontecendo com as crianças dentro das nossas igrejas, em outros países”*, justifica-se. Porém, defendemos que o exposto no artigo representa a divulgação de um discurso preconceituoso.

Em 2014, o Bispo Macedo publicou um texto no blog¹⁰ na IURD tratando sobre a diferença entre discriminação e complexo de inferioridade. Segundo o Bispo ambos são problemas presentes na sociedade. A discriminação é apresentada como algo que sofremos, como fruto de uma ação externa, ou seja, de fora para dentro. Por outro lado, o complexo de inferioridade acontece de dentro para fora, este existe dentro da pessoa e somente se externa.

Conforme o texto do blog a discriminação se manifesta quando há atitude adversa perante uma característica específica e diferente, dentre estas é destacada a motivação racial. Posteriormente, mantendo a compreensão exposta de complexo de inferioridade, que este é o maior problema e não a discriminação. Ou seja, constrói-se a percepção de penalização daqueles que estão espiritual e psicologicamente fracos, pois estes têm convicções íntimas de serem inferiores aos que estão ao seu redor e por esse motivo expressam atitudes inadequadas ou desconcertantes.

Em 2018, Bianca Carturani, colunista da Universal.org publicou um texto no blog da IURD intitulado *“Racismo Reverso”*¹¹ que considera o exposto na postagem do Bispo, visto que não nega a existência do racismo. Porém, destacamos que a colunista assume outra postura quanto a questão: para ela o racismo não é uma questão de complexo de inferioridade, mas sim de preconceito. De forma geral, a autora defende o abandono da luta por um mundo sem racismo e afirma que o negro deve deixar de ser um racista. Por fim, destacamos que Carturani defende uma compreensão de racismo isenta da reflexão acerca das “raças” – negra, oriental, indígena ou qualquer outra -, ou seja, existe apenas uma raça a humana.

As ações expostas até o momento demonstram que existe uma parcela da liderança evangélica nacional que propaga discursos que ratificam o racismo estrutural e também o institucional. O primeiro resulta do conjunto de práticas,

¹⁰ Disponível em: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/2014/09/29/discriminacao-x-complexo-de-inferioridade/><Acesso em 13 de nov. de 2019>

¹¹ Disponível em: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/2018/04/14/racismo-reverso-escravidao-da-actualidade/><Acesso em 13 de nov. de 2019>

situações e falas inseridos no posicionamento dos personagens destacados neste tópico que promovem, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial. O segundo se manifesta de maneira menos direta, pois no interior de pelo menos uma das denominações destacadas identificamos um conjunto de regras que promove a exclusão ou o preconceito racial. Destacamos que este último insere-se como exemplo do que Camino *et al* (2001) consideram como Novo Racismo, segundo os autores este expressa-se como o que a psicanálise chama de "*Formação Reativa*", ou seja, como um mecanismo de defesa do inconsciente que atende o objetivo de camuflar e proteger os desejos ou sensibilidade dos indivíduos.

Fundamentalismo, Pentecostalismo, Neopentecostalismo e a Cultura Negra

Considera-se relevante definir o que é fundamentalismo e como este teve influência no pensamento pentecostal e neopentecostal. Essa reflexão justifica-se, pois o maior número de políticos que integra a FPE tem origem ou vínculo com denominações que compõem os grupos supracitados.

Acredita-se que as práticas dos integrantes da FPE, mesmo representando posicionamento político, expressam marcas, características ou, conforme Bourdieu, *habitus* adquiridos no campo religioso. Essa reflexão viabilizará uma análise das posturas desses políticos diante da diversidade cultural, principalmente no que tange à cultura negra e a questão étnico-racial.

Para compreendermos o que é o fundamentalismo consideramos as contribuições de Marco Davi de Oliveira que é um dos fundadores a ANNEB (Aliança de Negras e Negros Evangélicos do Brasil) que se dedica a promover o fortalecimento do movimento negro evangélico, articulando líderes e membros das Igrejas Evangélicas no Brasil, para comungar experiências, reflexões e propostas concretas visando à mobilização da igreja na contribuição de uma sociedade mais justa e igualitária.

Destacamos a contribuição teórica do Pr. Marco exposta no livro "*A Religião Mais Negra do Brasil*", publicado pela Editora Mundo Cristão. Logo na introdução da obra o autor destaca a proposta de refletir sobre a atuação da Igreja Pentecostal junto aos negros no Brasil, além de entender por que esse grupo tornou-se opção

aos excluídos brasileiros, visto que a Igreja Católica e o Protestantismo Histórico, segundo o autor, ignoraram o negro do país.

O autor baseia-se em dados do IBGE e direciona seu raciocínio na busca por responder algumas questões, a saber: Por que os negros fizeram opção pelo pentecostalismo? Que características os atraíram para o segmento pentecostal? Que aspectos dessa relação devem ser destacados e quais devem ser denunciados? Como é tratada a questão da cultura negra nos segmentos evangélicos? Existe democracia racial, de fato? Por que, mesmo sendo maioria no segmento pentecostal, ainda se demoniza a herança africana? Como as igrejas lidam com a autoimagem do negro pentecostal? Qual é o futuro da relação do negro com a Igreja Evangélica brasileira?

Dentre as várias contribuições do autor, destacamos sua reflexão sobre o fundamentalismo. De acordo com Oliveira (2015), para o protestantismo brasileiro o *"fundamentalismo tornou-se um dos pontos de maior destaque no processo de crescimento, assim como de aniquilamento da visão social e política da igreja evangélica no Brasil"*. (p.72).

Antônio Houaiss, em seu dicionário da língua portuguesa, apresenta a seguinte verbete para fundamentalismo *"qualquer corrente, movimento ou atitude de cunho conservador e integrista. Que enfatiza a obediência rigorosa e integral a um conjunto de princípios básicos"*. Tomando-se o exposto, admite-se que tudo que é fundamental como norma única de um sistema de pensamento pode, quando considerado literalmente e/ou incontestado, transformar-se num fundamentalismo.

Para compreender o fundamentalismo que marca as denominações com maior representatividade na FPE consideramos o movimento que teve sua origem, segundo Oliveira (2015), no início do século XX, por volta da década de 1910, por meio da divulgação de uma série de folhetos intitulados *"Os fundamentos"*, escritos por um grupo de autores americanos, britânicos e canadenses e que traçavam os princípios do movimento. Destaca-se que os princípios defendidos pelos fundamentalistas são enfatizados pelos pentecostais e por muitos membros de igrejas neopentecostais e históricas conservadoras. Segundo Stott *apud* Oliveira (2015), os fundamentos em questão consideravam verdades básicas para o cristianismo-protestante, como a autoridade das Escrituras, a divindade, a encarnação, o nascimento virginal, a morte expiatória, a ressurreição corporal e a volta de Jesus Cristo em pessoa, o Espírito Santo, pecado, salvação e julgamento, adoração, missão mundial e evangelismo. A diferença essencial, entre os fundamentalistas e aqueles que não o são é a interpretação desses pontos. Os

fundamentalistas não aceitam a possibilidade de um pensamento diferente do seu quanto a essas definições.

Geralmente os fundamentalistas tendem aos discursos dogmáticos e autoritários em suas análises e percepções, segundo o teólogo católico Florêncio Galindo *apud* Oliveira (2015), de forma bem abrangente, são:

“indivíduos que se sentem ameaçados em um mundo dominado por poderes malignos em atitude permanente de conspiração, que pensam em termos simplistas e de acordo com esquemas invariáveis, e que, frente a seus problemas, sentem-se atraídos pelas respostas autoritárias e moralizantes.” (p.73)

Sendo assim, acredita-se que os fundamentalistas são passíveis de cometer muitos erros quanto a interpretação de suas premissas. Ou seja, ser fundamentalista é viver sob a égide da aceitação literal da Bíblia e fazer que a vida seja, invariavelmente, regida por essa “literalidade”, não confiar em conhecimento algum, inclusive as disciplinas científicas e alguns tendem a um completo anti-intelectualismo e obscurantismo.

Segundo Oliveira (2015), pentecostalismo – inserimos aqui neopentecostalismo – e fundamentalismo estão umbilicalmente ligados na história do protestantismo brasileiro. Com base no raciocínio exposto acima, filiar-se a denominações vinculadas ao fundamentalismo pressupõe que o indivíduo seja conduzido por uma visão teológica que não considera a possibilidade da reflexão ou questionamento, uma vez que questionar induz ao distanciamento da vontade de Deus.

Ainda sobre a desmotivação intencional de ações e pensamentos críticos destaca-se a pressão psicológica exercida pelos que têm poder sobre uma grande massa, ou seja, o rebanho. Essa demonstração de poder pode ser observada em diferentes contextos, por exemplo em períodos eleitorais.

Ao analisar a relação entre o pentecostalismo e a população negra Oliveira (2015), propõe duas linhas de reflexão interessantes: uma trata de uma ação de manutenção de uma inferioridade dos negros e outra da permanência de uma teoria do embranquecimento no interior dos grupos eclesiais. Essas estruturas de raciocínio podem nos auxiliar no processo de compreensão do posicionamento dos políticos da FPE vinculados a denominações pentecostais e neopentecostais quanto a outras culturas, principalmente àquelas vinculadas ao contexto afro-brasileiro.

Na busca por compreender as reflexões propostas acima considera-se a existência de conceitos teológicos que, de forma fundamentalista, povoam a mente dos que integram algumas igrejas. Destaca-se o exposto anteriormente quanto a

posição de vários teólogos pentecostais que ainda definem a maldição proferida acerca de Caim depois de matar Abel seu irmão, como sendo a pele negra. Segundo Oliveira (2015), *"Pesa sobre os negros uma maldição que, segundo alguns, deve ser quebrada: a de ser malnascido"* (p.84).

Segundo o autor supracitado existe um direcionamento aos negros e subjacente nas várias camadas da sociedade, um estigma de inferioridade que motiva o branqueamento. Destacamos que se por um lado há uma ideia errônea, nas igrejas denominadas neopentecostais, que a união entre negro e branco no casamento é um jugo desigual por outro é comum identificarmos elevado número de casamentos inter-raciais nas igrejas pentecostais clássicas.

Outra característica que tem origem nas interpretações teológicas vinculadas ao fundamentalismo que se expressam nas denominações majoritárias na FPE é a difundida ideia da "democracia racial" entre os membros das igrejas. Compreende-se que a ideia de democracia racial torna-se um mito, pois não expressa a realidade experimentada pelos negros brasileiros.

Destaca-se que, ao mesmo tempo que as denominações pentecostais compõem a vertente da igreja evangélica que disponibiliza maior espaço para os negros, também são as que reforçam o mito da democracia racial entre os evangélicos. Caso contrário segundo Oliveira (2015), os pentecostais não seriam os que mais demonizam os cultos de origem africana. Considera-se relevante ratificar que as igrejas cumprem bem o papel de disseminar a ideologia da democracia racial por meio de pensamentos como: "Na igreja pentecostal ou evangélica, não há racismo ou desigualdade, todos são iguais perante Deus".

Na busca por compreender a postura dos integrantes da FPE frente as questões étnico-raciais, debruçamo-nos sobre as bases fundamentalistas que caracterizam as principais denominações representadas no grupo de políticos em destaque. Sendo assim, defende-se que as ações desses políticos demonstram um esforço para que haja um distanciamento das origens africanas.

Ratifica-se que existem alguns princípios que direcionam as práticas dos políticos evangélicos quanto a cultura afro-brasileira, aqueles têm origem no campo religioso, mas exercem influência sobre o indivíduo que atua no campo político.

O primeiro princípio é que tudo que vem de matriz africana é coisa demoníaca. Outro princípio é que elementos que guardam semelhança com os aspectos culturais da África devem ser substituídos por aqueles originários de outros lugares, de outras culturas. Um terceiro princípio em relação à origem

africana dos negros é que essa deve ser esquecida para não suscitar conflitos com a ideologia do “mito da democracia racial”.

Segundo Oliveira (2015), os princípios supracitados podem ser observados no interior das igrejas brasileiras, com destaque para as pentecostais e neopentecostais que estão constantemente vinculadas a conflitos contra as religiões de matrizes africanas além de possuírem expressiva representatividade no contexto político nacional.

Considerações finais

Considerando o exposto, compreendemos que o movimento protestante no Brasil se expressa através da heterogeneidade que pode ser identificada graças a diversidade de hermenêuticas do texto bíblico. Ao destacarmos a questão racial, demonstramos a existência de discursos, de base fundamentalista, que legitimam e propagam a desvalorização da cultura e do povo afro-brasileiro. Em contrapartida, existem referenciais na história dos grupos protestantes que indicam a luta contra a desumanização e escravidão do povo negro. Sendo assim, a possibilidade do indivíduo negro respirar no contexto protestante está na ação propositiva de elaboração e aceitação de uma interpretação do texto bíblico que considere a presença e o protagonismo de personagens invisibilizados graças aos padrões europeus e norte-americanos de pensar teologicamente.

Referências Bibliográficas

- BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- CAMINO, L., SILVA, P. MACHADO, A. e PEREIRA, C. *A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica*. Revista Psicologia Política, 1, 1, 13-36, 2001
- D’ADESKY, Jacques. *Pluralismo Étnico e Multiculturalismo. Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- OLIVEIRA, Marco Davi. *A Religião mais negra do Brasil*. 1ª ed. atual. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2015.
- REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 3ªed. São Paulo, ASTE, 2003.
- RENDERS, Helmut. *John Wesley e a luta abolicionista: com edição bilíngüe dos seus Pensamentos sobre a escravidão*. 1ª ed. São Paulo, ASTE, 2019.
- SANT’ ANA, Antônio Olímpio de. *História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados*. In: KABENGELE, Munanga. (Org). *Superando o Racismo na escola*.

Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.